

A TRÍADE ESCOLA-FAMÍLIA-ALUNO NO CONTEXTO DA CONTEMPORANEIDADE

Ivana de Lima Darú Carvalho

Tenente Psicóloga da PMMG

O que os pais desejam ao colocar seu filho em uma escola? Será uma peculiaridade dos novos tempos a dicotomia escola/família/alunos? Por quais mudanças de valores a função dos pais tem passado e como isto afeta atualmente nossa sociedade?

Não é nossa pretensão esgotarmos cada assunto acima, porém, faremos uma breve reflexão sobre tais questões, tendo como referência a contemporaneidade e seus reflexos na tríade escola/família/alunos.

Aplicamos um pequeno questionário aos pais dos alunos de 1ª a 4ª série, abordando-os sobre o qual ou quais os motivos que os levariam a matricular seu filho no Colégio Tiradentes/Central, no período de agosto a setembro de 2000. A resposta foi de que era pelo fato do CTPM/Central ser uma escola militar e com isso garantir a segurança do seu filho e a certeza de que ele aprenderá a ter disciplina. Esse resultado, juntamente com as observações no nosso consultório, confirmam o fato de que os pais estão necessitando da escola para ensinar seu filho a ter limite.

Diante desse fato levantamos então duas hipóteses, para às quais tentaremos convergir todo nosso trabalho daqui para frente. São elas:

1) O motivo pelo qual os pais necessitam da escola para ensinarem seu filho a ter disciplina, será, na realidade, uma tentativa de transferir sua responsabilidade de pai?

2) Essa suposta transferência de responsabilidade será uma das conseqüências das inúmeras transformações que a família vem sofrendo nas últimas décadas?

Analisaremos neste instante tais transformações, para posteriormente verificarmos a relação de causalidade entre elas e a transferência de papéis da família à escola, bem como sua veracidade.

O cenário do mundo contemporâneo é ambulante e transita constantemente: desde novos valores morais, políticos e filosóficos até incontáveis recursos que a era do consumismo nos oferece. Por outro lado, o indivíduo é premiado com uma sociedade globalizada, sem fronteiras e incessantemente inovadora. Mas, por outro, ele é entrelaçado nessa cultura movediça, caso não acompanhe o ritmo acelerado do “progresso”. Durval Checchinato consegue expressar bem essa ambigüidade na obra de Françoise Hurstel: “Novas fronteiras da Paternidade”, quando diz: “O homem pós-moderno vive um paradoxo angustiante: tem fome do outro, mas não consegue ser o outro para o outro. Não consegue erigir o mundo de sua privacidade. Refugia-se então em seu imaginário imensamente alimentado pelas ofertas incontáveis da mídia. Mas, quanto mais mergulha neste imaginário, mais longe fica de si, vivendo a entropia de seu gozo.” Assim, nesta metamorfose social, a família não se isenta de passar por transformações, rupturas, assumir um caráter mutante, com isso colocando em cheque todas as tradições que antes definiam suas funções e papéis de gênero masculino e feminino.

Destacaremos então 3 fatos que consideramos marcantes para essas transformações e para a passagem do modelo do “Paterfamílias”, no qual o pai, autoritário e poderoso, é a estrutura do lar, para modelo da família camaleão do séc. XXI (expressamos o termo camaleão para ressaltar o caráter relativista embutido na palavra família hoje). São eles: a emancipação feminina a fragilização da função paterna e a insegurança presente no comportamento dos pais de hoje.

A inserção da mulher no mercado de trabalho após a Segunda Guerra Mundial é o 1º passo que ela dá rumo à sua emancipação. O privilégio do auto-sustento e independência financeira surgem para a mulher a partir daí; outras conquistas também foram sendo alcançadas, trazendo consigo uma verdadeira revolução da ética e valores morais na era moderna. O avanço científico traz a desvinculação sexo/maternidade, possibilitando à mulher usufruir de sua sexualidade com uma liberdade até então restrita. Com isso, a ela é dado também o direito de controlar a reprodução humana. No que diz respeito às questões legais, o divórcio surge como uma realidade àqueles que questionam suas escolhas quanto à permanência no casamento. Todas essas conquistas nos fazem concluir que, se formos comparar a mulher do ano 2000 e a mulher da década de 50, há no mínimo um abismo entre elas. É relevante neste momento refletirmos: e como fica a mulher no papel de mãe diante dessa nova posição social que assumiu? Podemos assegurar que houve uma série de conseqüências na esfera da maternidade. Tânia Zagury mostra em seu livro “Sem Padecer no Paraíso” que uma dessas conseqüências, e é a que mais nos interessa neste trabalho, é a dificuldade dessa mãe dos tempos modernos em exercer sua autoridade e colocar limites, devido ao sentimento de culpa por se ausentar tantas horas do seu “ninho”. Convenhamos: por mais que tenhamos progredido, o dever social de dedicar de forma primordial à família cabe ainda à mulher e isso gera um conflito angustiante, talvez presente em grande parte das mulheres que trabalham fora: a árdua tarefa de ser profissional, mãe, dona de casa, e driblar bem todas essas atribuições sem que nenhuma das partes saia lesada. Quando a parte lesada é seu filho, a mulher é devorada por um forte sentimento de culpa que a leva a tomar atitudes tal como permissividade exagerada, a superproteção ou a recompensa material. Tal postura põe em risco seu papel disciplinar como educadora e com isso outras instâncias como a escola e o pai são sobrecarregados dessa função. E é do pai que queremos lhes falar agora.

Nota-se que, concomitantemente com a ascensão social feminina, há a fragilização da paternidade e um apagamento da função paterna na família moderna e contemporânea. Este é o 2.º fato que consideramos marcante para a mudança de valores na família e sua trajetória na sociedade.

Jaques Lacan, em 1958, nos diz a respeito disso em sua obra “Os Complexos Familiares”, denominando esse fenômeno como “declínio social da imagem do pai”, fato esse que segundo Lacan forma a essência da “grande neurose contemporânea”. É Lacan também quem teoriza o que é a função do pai, definindo-a como uma função simbólica - função do Nome do Pai, e lhe atribui a iniciação da estruturação psíquica do sujeito, em sua relação com a linguagem e a fala. Freud nos diz que esse modo inicial da estruturação psíquica do sujeito se faz sobre o substrato da castração. É um corte simbólico do laço primordial real e imaginário que une a criança ainda à sua mãe. É pela evocação do Nome do Pai, como representante da lei e da interdição do incesto, que se opera esse corte na relação de fusão entre mãe e criança, possibilitando a esta última seu reconhecimento como ser desejante, autônomo e independente.

Portanto, a função paterna, além de possuir um importante papel familiar, ocupa um lugar absolutamente central na saúde psíquica do ser humano, e por isso sua ausência, exagero ou ambivalência produz efeitos devastadores para o indivíduo. A psicanálise, em sua escuta, detecta que as diversas patologias existentes tem seu fundamento na maneira de como se vive o efeito da função paterna. Françoise Hurstel questiona: “se a morte do pai da horda primitiva possibilitou que os homens criassem a lei e por ela se regessem, o que acontecerá aos irmãos que ignoram a lei que os ordena ou simplesmente passam ao lado dela?” Ela ainda chama nossa atenção: “o que será de uma sociedade caracterizada pela dificuldade em

fornecer ‘pai’ às crianças, isto é, terceiros simbólicos que estejam em posição de representar esse corte e inscrevê-la como sujeito ao mundo?”

Identificamos que uma das evidências desses questionamentos de Hurstel é a dificuldade do homem contemporâneo em exercer seu papel de educador e se reencontrar como pai. Mas afinal o que é ser pai? Será ocupar aquele lugar de outrora de tirania e distanciamento dos filhos? Pensamos que não. Hoje esse conceito do que é ser pai vacila, já que a sua ligação com o autoritarismo e poder foi rompida. A tradicional referência à paternidade foi quebrada, mas o que restou? Os avanços científicos do tipo “produção independente” confirmam uma forte tendência à banalização da presença paterna para o desenvolvimento dos filhos, como se este lugar fosse substituível ou dispensável. Isto faz surgir no coração masculino um sentimento oposto àquele que os regia no sistema patriarcal: uma impotência frente a esse movimento de descentralização do poder, antes do poder, antes depositado em suas mãos. A saída muitas vezes encontrada por esses homens é a omissão, a ausência física e/ou psicológica. Como se diante da degradação do papel masculino a única atitude a ser tomada é a fuga, e, conseqüentemente, a transferência de responsabilidades.

O 3º fator que queremos destacar como catalisador para as mudanças de valores na família, é a notável insegurança contemporânea presente no comportamento dos pais. Apesar do acesso às informações ser muito mais facilitado, nota-se que diante de uma situação conflituosa, os pais não apresentam mais a certeza de que sua atitude vai ser a melhor naquele momento, postura esta presente em seus antepassados, que não tinham dúvida quanto ao que julgavam correto ao seu filho. Em muitas ocasiões nem mesmo sabem qual atitude tomar. Consideramos que essa insegurança surge a partir da entrada de novas ciências da educação e do comportamento para o meio leigo, antes restritas só aos especialistas da área. A partir da década de 70, esse leque se abre à população, que, por se sentir tão reprimida pelos valores tradicionais, resolve abraçar essas novas linhas de pensamento. As propostas derivadas da chamada Escola Nova, Teoria da Não-Diretividade, de Carl Rogers, da Psicanálise, trouxeram, todas elas, uma prática menos autoritária, normas menos rígidas, maior possibilidade de diálogo. Isso contribuiu grandemente para uma maior compreensão das necessidades infantis em suas diferentes fases de desenvolvimento. Mas nenhuma delas tinha em vista o incentivo para a falta de autoridade na relação de pais e filhos. O que houve foi a interpretação errônea de muitos pais, que deturparam a necessidade de se escutar uma criança na abdicação de qualquer tipo de autoridade, confundido tal conceito com autoritarismo. Essa distorção gerou um sentimento de temor a qualquer tipo de punição para com os filhos. Determinados termos como frustração e trauma se difundiram, passando a fazer parte da linguagem comum e levaram os pais ao receio de se tornarem geradores desse tipo de problema. A culpa que lhes advém por uma admoestação mais severa é tão grande que procuram evitar outras situações semelhantes, partindo para atitudes totalmente contrárias às que gostariam de ter. E aí deparamos com um fato complicador na educação de filhos: a falta de um padrão coerente de ações. Essa evidência da insegurança dos pais reflete diretamente no modo de agir dos filhos. Edina de Paula Bom Sucesso concorda com essa colocação em seu livro “Afeto e Limite”. Segundo ela, os adultos indecisos de hoje, incapazes de persistir e intolerantes à frustração, são oriundos de lares nos quais seus jovens pais dos anos 60, optaram por não reprimir seus filhos, deixando que eles escolhessem seus rumos sem limite, sem autodisciplina, já que entendiam que o amor exagerado seria a solução.

Podemos concluir que a nossa hipótese pode ser confirmada: esses 3 fatos sociais - a emancipação feminina, a fragilização da função paterna e interpretação errônea das linhas de educação e psicologia emergentes nos anos 60 e 70 - contribuíram demasiadamente para dificultar ou até impedir que os pais exerçam hoje seu papel disciplinar. Pensemos agora: como isso se reflete na escola? Se o pai não se acha apto à tarefa de disciplinar por se sentir muito impotente, e a mãe por se culpar pela sua ausência, a quem irão depositar toda sua esperança para preencher este espaço em aberto? Só lhes resta a escola - principalmente a escola militar que carrega o signifiante de “progenitora de filhos obedientes e disciplinados”. E acreditam que a escola fará com sucesso esse papel. Isso vem confirmar a veracidade da primeira hipótese levantada inicialmente. Mas assim como é um mito o Policial Militar super-herói, invencível e superior até ao

tempo, é também no mínimo ingenuidade acreditar que a escola (mesmo a militar) conseguirá manter intacta a disciplina, quanto mais torná-la parte da cultura dos seus alunos. Diante dessa falta, um clima de insatisfação mútua se instala entre pais e escola, que, para justificar os comportamentos indesejáveis dos alunos, apontam mutuamente as falhas de um do outro: à escola é cobrado mais rigidez, enquanto que dos pais espera-se mais presença. Presenciamos, por exemplo, ao escutar do corpo docente da escola queixas bastante comuns como: “não podemos adotar cada aluno, pois já temos nossos próprios filhos! Os pais entregam seu filho e se esquecem que esta é sua tarefa”! Já no discurso dos pais são sempre presentes falas como: “hoje em dia a escola dá muita chance aos alunos! Por isso ela não pode mais com eles! Na minha época tratávamos os professores até por “senhor”!

Concluindo, se essas duas instâncias - Família/Escola - não diminuirmos a distância entre elas, formando uma parceria para que suas forças sejam redobradas, não poderemos contar com a inserção de nossas crianças na construção de um mundo melhor. Para isso, é necessário que cada parte faça algo que lhe seja possível e assuma sua responsabilidade: à escola cabe proporcionar aos pais um lugar que não aquele só de queixa do aluno, estimulando-os a estarem presentes na vida da comunidade escolar; já os pais precisam se conscientizarem de que a sua participação na vida do seu filho é fundamental para que ele se torne um adulto maduro e independente. Não queremos trazer soluções prontas para tais questões levantadas no presente trabalho, como se estivéssemos tentando consertar uma receita que não deu certo. Apenas tivemos a pretensão, ao elaborarmos este texto, de sensibilizá-los do compromisso que temos com a Educação, quer sejamos psicólogos, quer sejamos professores, ou pais. É preciso que tenhamos coragem para vencer este desafio! Caso contrário, iremos continuar nos deparando com situações como a tragédia ocorrida em Brasília com o índio pataxó, os índices assustadores de jovens usuários de droga ou os atos de delinquência estampados nas bombas colocadas nos banheiros das escolas públicas de Belo Horizonte, como no ano passado.

COLABORADORA: Maria Angélica da Silva Barbosa, Cb PM QPE.

REFERÊNCIAS

BOM SUCESSO, Edina de Paula. **Afeto e Limite: uma vida melhor para pais e filhos**. Qualitymark., Rio de Janeiro, 1999.

JULIEN, Philippe. **A Feminilidade Velada: aliança conjugal e modernidade**. Companhia de Freud, Rio de Janeiro, 1997.

HURSTEL, Françoise. **As Novas Fronteiras da Paternidade**. Papirus, Campinas/SP, 1999.

STREY, Marlene Neves. **Mulher, Estudo de Gênero**. UNISINOS, São Leopoldo/RS, 1997.

ZAGURY, Tânia. **Sem Padecer no Paraíso**. Record, Rio de Janeiro, 2000.